

Ficar na contramão da história não deve ser uma fatalidade

Victor Faccioni

Depois de mais um sonho de verão, segue-se um interlúdio do que seria o outono e aí o inverno sombrio e triste para o brasileiro, mais uma vez desiludido e desesperançado de quantas tentativas e pacotes o governo anuncie como caminho para a população exaurida de recursos.

Nossos ministros já anunciam como boa notícia uma inflação de quase dois dígitos — mas nem tanto — ao mês. Nem eles próprios confiam nos seus frustrados ensaios porque sabem que não se tocou no que é vital e importante.

Nossa doente economia é definida como um barco que faz água e cada novo remédio é apenas um paliativo, um analgésico, enquanto se espera um milagre ou o fim. Ainda bem que o fim será da atual gestão governamental desautorizada e em conversação unilateral porque a sociedade não lhe dá ouvidos. Nem os empresários aceitam os ensaios nem os trabalhadores emprestam seu prestígio por muito tempo a tais sonhos. Mas, e depois, que outra gestão virá?

De nada adianta tantos técnicos a serviço do governo, ou contratação de novos, se não houver uma vontade política capaz de concertar uma ação enérgica que aponte o caminho certo — austeridade para valer, saneamento em todos os setores do governo e a desregulamentação que conduzirá o empresariado a uma auto-regulação respeitável por todos porque auto-imposta.

Por que não a privatização? Pode parecer utópico num país onde há escassez de capitais, mas estamos certos de que os capitais irão aos poucos aparecendo se o governo tentar desestatizar tantos setores quanto a economia for recebendo e tornando produtivos e competitivos.

O México está aí para dar



o exemplo; tão endividado quanto nós, em situação tão difícil quanto a nossa, exibe agora uma inflação de 2% ao mês e com isso pode participar das vantagens do Plano Brady, comprando seus próprios débitos a um desconto de até 75%. Ao que sabemos não aconteceu nenhum milagre entre eles. Simplesmente seguiram o exemplo daqueles que estando há mais tempo no caminhar da civilização experimentaram e aproveitaram a experiência. Em toda a Europa a palavra de ordem é a privatização como parte de uma atitude de micropolítica — o próprio reconhecimento de que a coletividade é constituída de indivíduos e que os indivíduos procuram o seu máximo bem-estar e só por este caminho também chegam ao bem da coletividade.

Não se trata de uma nova onda de liberalismo. É o próprio liberalismo continuado e refeito, reorganizado em função das inovações tecnológicas que permitem reverter as tendências da produção em massa para a produção individual dentro das mesmas qualificações e aproveitamento em vários campos do que seria há algum tempo a produção em linha. E também um novo estágio da produção em linha já que todos os componentes desta produção não estão próximos. Eles se comunicam entre si e trazem ao mercado o seu produto pela via da moderna comunicação. Enquanto isso, não privatizamos as estatais alegando a falta de capitais para não desviar os existentes daquela área onde enriquecem os próprios beneficiários da estatização — um pequeno segmento retrôgrado de nosso empresariado, habituado a preços contidos em seu setor, favores fiscais, matéria-prima subsidiada e ineficiência, porque em vez de inovar e renovar preferem depender do governo, cada vez mais desesperado e desorientado, composto infelizmente por muitas cabeças, também dependentes de um círculo vicioso de ineficiência, às vezes de corrupção, às vezes de ignorância.

Victor Faccioni é deputado federal pelo Rio Grande do Sul.